

NARRATIVAS QUE CRUZAM O ATLÂNTICO: BONECAS ABAYOMIS E AS HISTÓRIAS CONTADAS POR ATIVISTAS NEGRAS¹

Caroline Lima dos Santos²

RESUMO

Oficinas de confecção de Abayomis, se difundiram nas escolas, instituições de educação popular e nas redes sociais, especialmente após a institucionalização da Lei 10.639/2003. Nesses espaços, se expandiu entre educadoras e ativistas brasileiras, a narrativa mitificada de que as primeiras bonecas Abayomis foram elaboradas, primeiramente, por mulheres africanas, ainda nos navios negreiros. Nesse estudo, buscou-se demonstrar, por meio da análise de depoimentos e textos escritos, a intersecção que há entre o pensamento de mulheres negras educadoras, que desenvolvem oficinas de confecção de bonecas Abayomi, na cidade de Salvador e o pensamento de mulheres negras intelectuais-ativistas, que a partir dos anos 1980, assumiram o projeto político de elaborar e difundir as histórias protagonizadas por mulheres negras, a fim de dirimir representações e estereótipos negativos arraigados em nosso imaginário social.

Palavras-chave: Ativistas políticas negras - Salvador (BA). Bonecas Abayomis. Educadoras negras - Salvador (BA). Negras na Arte - História.

ABSTRACT

Abayomis making workshops were spread in schools, popular education institutions and in the social networks, especially after the institutionalization of the Law 10.639/2003. In these spaces, the narrative mythicized that the first Abayomis dolls were made by African women on the slave ships was expanded among Brazilian educators and activists. In this study we tried to demonstrate, through the analysis of testimonials and written texts, the intersection between the thought of educating black women, who develop Abayomi doll making workshops in the city of Salvador and the thought of intellectual and activists black women, who since the 1980s took over the political project of elaborating and disseminating the stories of black women as protagonists, in order to eliminate negative representations and stereotypes rooted in our social imaginary.

Keywords: Abayomis dolls. Black women educators - Salvador (BA). Black women in Art - History. Black women political activists - Salvador (BA).

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Ferreira Cardoso.

² Graduada em Humanidades e graduanda de Licenciatura em História, ambos na UNILAB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc - UNEB. Arte-educadora e criadora de bonecas Abayomi na Odete Abayomi Artes.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da pesquisa desenvolvida no curso de licenciatura plena em História, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. O estudo focou nas narrativas de mulheres negras que desenvolvem oficinas de bonecas Abayomis na cidade de Salvador, bem como, naquelas produzidas por intelectuais e ativistas que, a partir do final dos anos 1980, assumiram o projeto político de investigar, elaborar e difundir histórias sobre mulheres negras a fim de dirimir representações e estereótipos negativos arraigados em nosso imaginário social. Buscou-se, portanto, evidenciar as intersecções presentes nos discursos de mulheres negras que nos últimos trinta anos, mesmo período de surgimento e difusão das bonecas Abayomi, almejam superar o racismo e as desigualdades raciais na sociedade brasileira. Nas palavras de Makota Valdina “Toda mulher negra é ativista”, não precisa estar necessariamente alinhada politicamente ao feminismo negro para ser, pois estão ligadas coletivamente as lutas diárias de outras mulheres negras que formam suas redes de sociabilidade (VALDINA, 2009, p.10 apud CARDOSO, 2012, p. 297). Dessa perspectiva que foram compreendidos os textos orais (depoimentos) e escritos de mulheres utilizados neste artigo.

As oficinas de bonecas Abayomis, envolvem a confecção dessas bonecas através do manuseio de tecidos, nós e tranças que são necessários para que ela tenha um formato, proporcional ao corpo humano. Para criá-la, não é necessário nenhum tipo de cola ou costura.

Tornaram-se comuns em escolas e instituições de educação popular, especialmente após a institucionalização da Lei 10.639/2003. Aprendi a fazer bonecas Abayomis e posteriormente desenvolvi minhas metodologias de ensino e confecção, no projeto de extensão Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos, no qual fui bolsista entre os anos de 2016 e 2017³.

Pode-se afirmar que as questões teórico-pedagógicas que culminaram neste estudo se iniciaram em 2018, quando assisti a artesã e social-educadora Lena Martins, criadora da boneca Abayomi, no Cultne TV⁴. No veículo, Lena Martins conta como foi o processo de nascimento das bonecas Abayomis, na cidade do Rio de Janeiro, no final dos anos de 1980.

³ O projeto de extensão Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos foi criado e coordenado pela Prof.^a Dra. Cristiane Santos Souza. Meu trabalho com bonecas Abayomis pode ser visto em instagram: @odeteabayomi.

⁴ Asfilófilo Filó Filho, desde meados da década de 1960, tem registrado a memória da população negra no Brasil através do Cultne (Acervo Digital da Cultura Negra), disponível em <https://www.youtube.com/user/Cultne>

Na entrevista, ao ser confrontada com a narrativa mitificada de que as bonecas negras Abayomis foram elaboradas, primeiramente, por mulheres africanas, ainda nos navios negreiros⁵, Lena Martins se contrapôs a essa narrativa, afirmando que as bonecas Abayomis nascem livres, até por conta da condição sub-humana em que as mulheres eram submetidas.

Nesta pesquisa, contudo, não nos interessou investigar a verossimilidade do mito de origem das Abayomis. O objetivo foi, compreender como esse mito se desenvolve e consolida, propondo, que talvez, ele dialogue com a produção de conhecimento impulsionada por mulheres negras ativistas, muito próximas do pensamento decolonial⁶. Com o pressuposto de que historicamente mulheres negras tiveram suas trajetórias e narrativas distorcidas e silenciadas pela produção de conhecimento hegemonicamente branca e masculina da modernidade, configurando o que Sueli Carneiro (2005) definiu como epistemicídio. Constatase que:

enquanto mulher negra, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão, ao invés de continuarmos na reprodução e repetição dos modelos que nos eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais. Os textos só nos falavam da mulher negra numa perspectiva sócio-econômica que elucidou uma série de problemas propostos pelas relações raciais. Mas ficava (e ficará) sempre um resto que desafiava as explicações. E isso começou a nos incomodar. Exatamente a partir das noções de mulata, doméstica e mãe preta que estavam ali, nos martelando com sua insistência (GONZALEZ, 1984, p.225).

Procurou-se, portanto, delinear o pensamento histórico e social produzido por mulheres negras nas Américas. Trata-se de um diálogo com suas vocalizações, seja nos ambientes acadêmicos, seja nos movimentos sociais, mais especificamente no Movimento de Mulheres Negras, desde o final dos anos 1980. Para que fosse possível fazer esta associação, as principais categorias de análise são as noções de ativismo, afetividades e intelectualidade⁷.

⁵ Nome dado aos navios que transportavam majoritariamente escravizados africanos para o trabalho nas Américas. Estima-se que foram embarcadas e desembarcadas mais de 10 milhões de africanas(os), ao longo dos séculos XVI e XIX, durante o Tráfico Transatlântico. Estes dados foram produzidos pelo banco de dados que virou o site interativo “Viagens de escravos”. Segundo Davis Eltis (2007), esse processo foi o maior deslocamento forçado de pessoas através do Oceano Atlântico, que se tem registro na História. Disponível para consulta em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>.

⁶ Os estudos decoloniais, localizados por uma “rede de investigações Latino-Americanas” (COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p.16), sistematizaram os impactos, na produção de conhecimento, nas racionalidades e visões de mundo que a colonização moderna produziu seja nos espaços colonizados, seja nos colonizadores. Estes estudiosos propõem outra racionalidade: descartar os fundamentos de colonialidade presente no pensamento moderno imposto aos países das Américas e colocar no lugar a epistemologia decolonial.

⁷ O “patriarcado capitalista” e a “supremacia branca” tentam sistematicamente negar esse lugar as mulheres negras (HOOKS, 1995, p. 468), contudo “como nossas ancestrais do século XIX, através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual” (HOOKS, 1995, p. 468)

No uso desses e outros conceitos/noções, se priorizou o fazer teórico-metodológico interseccional.

O conceito de interseccionalidade, utilizado como prática política por mulheres negras e não brancas, tornou-se um “campo analítico-metodológico” (PACHECO, 2019, p. 2651), sistematizado nos Estados Unidos da América por Kimberlé Crenshaw (2002) e no Brasil, por Sueli Carneiro (1995), por exemplo. Ao pensarem as muitas opressões pelas quais essas mulheres passam, as intelectuais levam em conta que precisamos considerar nas nossas análises, que essas mulheres são atravessadas pelo gênero/sexualidade, raça, classe social, além de outros marcadores possíveis como a questão geracional.

2 NARRATIVAS DO “ATLÂNTICO NEGRO”: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA BONECA ABAYOMI⁸

As Bonecas Abayomis, foram criadas no Brasil no final dos anos 1980, pela artesã e sócio educadora Lena Martins, em meio aos contextos de reorganização política da população negra e das mulheres negras em particular, decorrentes do processo de redemocratização. Boa parte das informações desse período inicial estão registradas no livro *Vida que Voa*, lançado por Lena em 2016, e na dissertação de mestrado de Sonia Maria da Silva, de 2008.

Wladilena Serra Martins (nome de registro) nasceu no estado do Maranhão na década de 1950. No documentário “Lena Martins e a boneca Abayomi: um testemunho na arte em feminino” (2012), Lena conta que sua mãe Maria Madalena, fazia bonecas tradicionais de pano, recheadas de algodão, com os olhos e boca feitos de crochê. Para além do ofício de costureira, fazia essas bonecas como um *hobby*, que lhe dava prazer.

Lena mudou-se com a família em meados de 1958, para o Rio de Janeiro, lugar em que reside até hoje (GOMES, et al., 2017, p.253). No Rio de Janeiro, trabalhou como educadora e artesã antes e depois de fundar a Cooperativa Abayomi. Lena e outras companheiras fundaram o coletivo Artesãs Livres Associadas – Associação Abayomi, Cooperativa Abayomi (nome fantasia) entre 1987 e 1988 (ESCOBAR; GOTtert, 2010,

⁸ Referência ao livro, *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*, de Paul Gilroy. Na obra, o historiador britânico analisa a história negra a partir do Atlântico, refletindo sobre as experiências negras na modernidade. Nele, Gilroy, conceitua a diáspora africana nas Américas, a partir da ideia de “dupla consciência” dos afro-americanos em W. E. B. Dubois (2001, p.28).

p.4). No ano de 1988, a artesã se aproximou dos movimentos sociais, populares e de mulheres negras, a partir de políticas públicas em torno da educação e da cultura, possibilitando assim a criação da boneca Abayomi. É importante destacar que no período, tanto o Estado, como a sociedade civil, por meio das diversas organizações negras, comemoravam o centenário da abolição no Brasil e se preparavam para o 1º Encontro Nacional de Mulheres Negras⁹. As ativistas do Rio de Janeiro faziam as reuniões no mesmo Centro Integrado de Educação Pública – CIEP, em que Lena trabalhava (GOMES et al., 2017, p.253).

A criação da boneca teve lugar em Jacarepaguá, entre o Jardim Boiúna e a Cidade de Deus, na cidade do Rio de Janeiro. No primeiro tinha uma oficina de experimentos com muitos retalhos de tecidos, malhas e vários apetrechos. O Projeto Especial de Educação dos CIEPs apresentava o cargo de Coordenador de Animação Cultural, designando seus ocupantes como atores decisivos na articulação do aparelho escolar com a comunidade. [...] Foi ao longo do exercício desta função, no referido CIEP da periferia do Rio de Janeiro, cujos estudantes eram, em grande maioria, afrodescendentes, que Lena Martins identificou a carência de referenciais lúdicos e formativos que retratassem e espelhassem de forma digna os diversos elementos culturais de matriz africana que compunham a sociedade brasileira. (GOMES, et al., 2017, p. 252).

Na função de Coordenadora de Animação Cultural, Lena Martins ministrou uma oficina de bonecas de palha de milho na Cidade de Deus, nas experiências em criar bonecas com materiais recicláveis e na sua relação com a costura e sobras de tecidos, nasce a “pré-história da Abayomi” (SILVA, 2008, p. 45).

Sonia Maria da Silva, uma das mulheres que mais tarde passou a fazer parte do coletivo, narra, em sua dissertação, como a boneca Abayomi foi desenhando-se a partir do encontro de Lena com as primeiras participantes da Cooperativa Abayomi. Ela constata que os primeiros caminhos da Abayomi “foram vividos exclusivamente por Lena Martins” e destaca que a primeira boneca feita por Lena, no Ciep citado, não era negra (SILVA, 2008, p.45).

A negritude da boneca foi concretizando-se, principalmente, após o evento “Vamos brincar de quilombo”, em que uma das primeiras participantes Regina Oliveira funda, acompanhada de Lena, a Cooperativa Abayomi¹⁰ e elas passam a reforçar as questões étnico-

⁹ O I ENMN aconteceu em 1988 na cidade de Valença no Rio de Janeiro, contou com a participação de 450 mulheres, oriundas de diversas organizações negras, de 17 Estados do Brasil (SANTOS, 2017, p.2 *apud*. RIBEIRO, 1985).

¹⁰ Ao longo do tempo, a Cooperativa Abayomi se reconfigurou com a entrada e saída das mulheres que fizeram

raciais (SILVA, 2008, p. 43). Outro momento que contribuiu com as questões raciais da Cooperativa, foi o convite para ofertar uma oficina na organização de mulheres negras Criola, sediada no Rio de Janeiro (SILVA, 2008, p.48). Portanto, a identidade da Cooperativa Abayomi vai se fundamentando neste sentido interseccional, em direto diálogo com as pautas dos movimentos de mulheres negras do período.

Neste contexto, asicineiras¹¹ realizaram atividades, contribuindo com feiras de artesanato populares, exposições de cultura popular, oficinas de confecção de bebês Abayomi, sempre fortalecendo a autoestima dos participantes (GOMES et al., 2017, p. 261). Atividades ministradas pelas mulheres do coletivo e, principalmente por Lena Martins em todo o Brasil, entre a década de 1990 e o início dos anos 2000.

[...] ficamos em torno de oito, dez mulheres, e nós éramos, um grupo com muita criatividade, porque a gente não só fazia bonecas, mas a gente criou umas exposições temáticas, uma que é Ritmos do Brasil, a outra que é Retalhos do Brasil levou 30 mil pessoas ao Museu do Folclore no Rio de Janeiro. Criamos um cortejo, que foi o Cortejo Abayomi, né, que é uma forma de cantar, brincar, falar poesia, interagir com o público, no meio do espetáculo nasce um neném negro (ESCOBAR; GOTTERT, 2010, p.2 *apud*, MARTINS, 2010).

O cortejo referido aconteceu no ano de 2000 no Palco Giratório do SESC no Rio de Janeiro¹². Depois, em 2010, Lena Martins realizou uma palestra intitulada “Movimento de Mulheres Negras: as bonecas de pano Abayomi” e uma oficina, na Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio (Rio Grande do Sul), mesmo ano da exposição “Retalhos do Brasil” na cidade de Santa Maria (ESCOBAR; GOTTERT, 2010, p.10).

No entanto, existem poucas pesquisas sobre esse percurso. Boa parte dos vídeos, artigos, registros, textos e sites que abordam o tema das bonecas Abayomis se atêm às oficinas de confecção das mesmas e seus desdobramentos pedagógicos, ligados, sobretudo, à Lei 10.639/03. É possível aventar que um dos motivos para os poucos registros escritos sobre a constituição da Cooperativa Abayomi e, conseqüentemente, o desconhecimento sobre a origem das bonecas Abayomis, seja o incêndio que atingiu os documentos escritos e outros

parte do coletivo. No início a Cooperativa Abayomi era formada por além de Lena Martins, Angélica Gomes, Flávia Berton, Regina Oliveira, Ana Gomes, Sonia Maria da Silva entre outras (SILVA, 2008, p. 2).

¹¹ No dicionário Michaelis On-line, a definição de oficineiro, palavra que não encontrei no feminino, se resume a quem realiza ou conduz uma oficina específica. Neste artigo esta definição foi usada conforme expressão de artistas brasileiras(os), que se referem a pessoas que ensinam um conhecimento específico, em formato de oficina didática, sendo ela remunerada ou voluntária, a(o) oficineira(o) é portanto a(o) facilitadora(o) na troca de saberes coletivamente.

¹² Agenda disponível em: <http://www.sesc.com.br/portal/site/PalcoGiratorio/2018/opalcoGiratorio/Historico/>

registros, no ano de 1999 (SILVA, 2008, p. 4).

Percebo que não nos enredamos em registros escritos da longa e intensa atuação do grupo, dos processos de criação, de revelações de nossas próprias experiências [...]. Por que não nos pusemos a registrar nossas memórias? Por que nunca foi dada relevante importância à escrita dos processos de criação, de exposições, de novos cursos? Os poucos textos que temos são feitos de maneira bastante econômica. Apesar de praticamente termos inaugurado um segundo capítulo da história do grupo, com um adverso incêndio em 1999, não nos mobilizamos a investir em registros de reflexões do refazer, do reconstituir-se material e emocionalmente. Assim, na falta de indícios é que encontro os indícios, ou abriu-se para mim a discussão do porquê de não termos registros escritos sobre nossas experiências no/com o grupo (SILVA, 2008, p.10).

Indiretamente essa falta de documentos históricos dos primeiros passos da Cooperativa Abayomi pode ter facilitado a criação desconhecida, do mito de origem das bonecas Abayomis, bastante difundido nas diferentes mídias, bem como, nas narrativas de oficinas negras e não negras. Para este estudo assisti vinte e sete vídeos no Youtube, porém apenas três deles citam Lena Martins como criadora das bonecas. Todos os outros entendem o mito de origem enquanto uma verdade histórica. Já nos dezesseis sites¹³ levantados e analisados, identifiquei o mesmo cenário, pois apenas três sinalizavam a relação de Lena com a origem da boneca.

A história contada, tanto as mídias impressas e eletrônicas quanto pelas pessoas que fazem as oficinas de boneca Abayomi, é a de que para acalantar as crianças, mulheres africanas vindas para as Américas no processo de escravização dentro dos navios negreiros, tiravam um pedaço de suas roupas e confeccionavam bonecas como uma espécie de amuleto e uma distração para as crianças brincarem. Nas narrativas míticas oralizadas, por se tratar evidentemente de uma história ficcional, não há a referência a documentos ou mesmo estudos que revelem qual era a etnia dessas mulheres, de que lugar do continente africano elas saíram e para qual lugar do continente americano elas foram destinadas¹⁴. Ou seja, não há qualquer evidência de que esse início de criação das bonecas tenha ocorrido. O que não impediu de se criar sentimentos de pertencimento através da difusão da narrativa.

Considera-se que houve diversas formas de estigmatização destas mulheres africanas que, chegadas às Américas, foram escravizadas. Estigmas desde as representações dos

¹³ Existem outros, mas abordam apenas a forma de fazer a boneca, não sinalizam sua história de criação.

¹⁴ Dentre as pesquisas sobre a produção do chamado Mundo Atlântico, destaca-se o trabalho de Ynaê Lopes (2012), a mesma considera que as maiores “cidades escravistas das Américas”, são o Rio de Janeiro (Brasil) e Havana (Cuba), apresenta dados, gráficos e tabelas sobre a vinda de africanos através da travessia entre os séculos XVIII e XIX, e suas origens territoriais (SANTOS, 2012, p.4).

viajantes europeus, dos documentos oficiais do Estado, como os “anúncios de venda”, processos crimes, entre tantos outros (XAVIER, 2003, p. 67). Foi, sobretudo no século XIX, que a “animalização da mulher escrava” se cristaliza a partir do discurso literário, gerando assim tipologias aceitas pelo senso comum, como por exemplo de escravizadas resignadas, traidoras, corruptas e sensuais (XAVIER, 2003, p. 71).

Todavia, o foco deste estudo foi entender o processo de difusão dessa história e a repetição da mesma em diversos textos escritos e orais, tendo em vista que, talvez, nos possibilite reiterar o pertencimento às origens africanas dessas mulheres artesãs e ativistas, tanto na narrativa da travessia, como nas atitudes atribuídas às mães africanas, bem como no nome criado para a boneca e na forma de confeccioná-las.

Em boa parte dos registros encontrados e nos depoimentos das pessoas que compartilham o mito de origem da boneca Abayomi, há o vínculo do nome ao idioma Iorubá¹⁵. Seu significado popularizado varia entre “encontro feliz” ou “aquele que traz felicidade”; “encontro precioso” ou “presente precioso”, em ambos os casos, separa-se a palavra em Abay-Omi¹⁶, atribuindo a cada uma delas um significado.

Esse universo narrado, mergulhado na oralidade afro-brasileira, tem total ligação com o que Vanda Machado considera como tradição no pensamento africano nesse contar para educar:

No exercício de educar para a vida, o pensamento africano mantém como tradição as histórias míticas, que podem ser consideradas como práticas educacionais que chamam a atenção para princípios e valores que vão inserir a criança ou o jovem na história da comunidade e na grande história da vida. No pensamento africano, a fala ganha força, forma e sentido, significado e orientação para a vida. Assim nasceram os mitos. Contar mitos, em muitos lugares na África, faz parte do jeito de educar a criança que, mesmo antes de ir para escola, aprende as histórias da sua comunidade, os acontecimentos passados, valorizando-os como novidade. Os mitos de matriz cultural evidenciam valores de convivência e solidariedade (MACHADO, 2005, p.3).

Para os povos africanos a “história começa com a lenda” (MULUNDW; TSHAHWA, 2007, p. 8), pois há uma teoria da anterioridade africana, em que a palavra complementa a

¹⁵ J. Lorand Matory, argumenta que a partir do século XIX, desenvolvem-se diversos estudos nas ciências humanas, sobre a nação Iorubá, originados sobretudo na Nigéria, e o processo de diáspora desses povos, que perpetuaram-se, mantiveram e reinventaram suas heranças culturais, sociais, civilizatórias e religiosas, através das “religiões afro-latinas”, no Caribe e no Brasil (MATORY, 1998, p.263).

¹⁶ Ao longo da pesquisa para a produção deste artigo, não foram encontrados nos dicionários on-line, de Iorubá para o português, e nos dicionários de nomes em Iorubá, referência a palavra Abayomi, para tanto é necessário fazer uma pesquisa mais aprofundada.

história escrita. Entretanto, nas conceitualizações que marcaram o pensamento ocidentalizado, a partir da modernidade, houve a separação entre o “pensamento mítico (religioso) e o pensamento filosófico (racional)” (NOGUEIRA, 2018, p. 30). Antagonismo que vai marcar os processos civilizatórios da Europa sobre os outros continentes.

O mito da Abayomi possibilita, portanto essa interconexão com as sociedades e mulheres africanas que chegaram às Américas, fundaram as comunidades afrodescendentes, para além da mulher escravizada objetificada. Narra sobre a mãe negra que protege seus filhos, possui humanidade, sensibilidade e força. A representação da mulher negra, nessas narrativas, se desloca do lugar estereotipado da “mãe preta” (GONZALEZ, 1984, p.225), destinada a cuidar sistematicamente e exclusivamente dos filhos das senhoras brancas, pois muitas trabalharam como “amas de leite” nas fazendas e engenhos (TELLES, 2017, p. 103). A respeito das crianças escravizadas existem poucos registros ao longo dos primeiros séculos da escravização no Brasil, eles começaram a ser encontrados com mais facilidade no discurso oficial do Estado, a partir de 1871, com a criação da Lei do Ventre Livre, marginalizados pela sociedade, trabalhavam nas mesmas condições que os adultos, eram afastados de seus laços familiares, além do alto índice de mortalidade (ARIZA, 2017).

Ao reinventar este contexto o mito de origem das Abayomis transforma as marcas do processo de escravização em algo que deve ser rememorado tornando essa memória, que remete aos sofrimentos físicos e espirituais, em chave de superação, através do diálogo, da afetividade e da sociabilidade entre pessoas negras. Essa narrativa é tão forte que é entendida como o princípio das bonecas Abayomis ou mesmo como complemento à atuação de Lena Martins e da Cooperativa Abayomi, atribuindo a ela, apenas, a missão de disseminar e reproduzir a boneca ancestral no Brasil. Ocorre que a história de Lena Martins, seu protagonismo e agenciamento na criação das bonecas Abayomis tornaram-se invisibilizadas, gerando as inquietações que culminaram neste trabalho.

A reprodução deste mito, paradoxalmente, ressignifica e busca por um fortalecimento com o passado ancestral de forma positiva. Ainda que as relações desiguais de poder entre pessoas brancas e negras afetaram e ainda afetam as vidas materiais e a subjetividade das mulheres negras. Em meados do século XX, podemos citar a produção de Lélia Gonzalez (1984) e Luiza Bairros (1995), precursoras da construção epistemológica sobre o processo histórico do Brasil, a partir do pressuposto que essas relações desiguais de poder, que começam em território brasileiro com a escravização dos povos africanos, indígenas e seus

descendentes, marcaram, portanto os processos sociais e culturais das mulheres negras, não somente na subjugação das mesmas, como também em suas formas de resistência às violências¹⁷.

A simplicidade no processo de confecção das bonecas Abayomis permite que todos, sensibilizados por sua história, consigam fazê-la desde crianças, adultos e idosos. Tanto as pessoas (em sua maioria mulheres) que aprendem o processo de confecção, tanto quem participa deste aprendizado, entram em uma espécie de catarse, ao deparar-se com um trauma ancestral, ou seja, o “trauma colonial” (KILOMBA, 2009, p. 213), que foi consequência do tráfico transatlântico¹⁸, através da história mítica, popularizada, de que mulheres africanas acalentavam e protegiam seus filhos e filhas na travessia do Atlântico confeccionando bonecas.

Essa representação social de mulheres negras pode ser entendida como um processo de “reafirmção política” que recupera os lugares sociais ocupados pelas mulheres negras, antes da escravidão moderna através de narrativas sobre os povos iorubás e bantos; nas (re)criações de sociedades secretas e as irmandades nas Américas, ambas chefiadas por mulheres negras, como na figura das ialodês nos terreiros de candomblé, servindo, todas, para comunicar força e resistência em diversos tempos históricos (WERNECK, 2010, p.13).

3 ACESSANDO “JANELAS TRAUMÁTICAS”

Raíssa Rosa¹⁹ foi minha primeira entrevistada na pesquisa. Conhecemo-nos através da afinidade pelas Abayomis, enquanto ela ainda morava na cidade de Salvador. A entrevista foi realizada on-line, pois ela retornou para Viçosa-MG, onde nasceu e reside atualmente. Raíssa Rosa tanto em sua formação acadêmica quanto sua atuação nos projetos que desenvolve e coordena, trabalha com a perspectiva do afeto e da emancipação na relação de ensino e

¹⁷ No dossiê “A situação das mulheres negras no Brasil, violência e violações” (2013), constata-se que o feminicídio e o encarceramento de mulheres negras é mais que o dobro, se comparado às mulheres brancas, reflexo do racismo estruturado e institucionalizado no Brasil.

¹⁸ As sociedades africanas foram impactadas, pelo Tráfico de Pessoas de formas diferentes em todo o continente, bem como desenvolveram sistemas territoriais e ao longo da travessia de resistência e negação do mesmo (FERREIRA, 2018, p. 49).

¹⁹ Raíssa Rosa Quadra é graduada em licenciatura em Ciências Sociais e mestra em Educação. Ainda em Viçosa, foi presidenta da Ong. Casa Cultural do Morro entre 2012 e 2015, na mesma criou o projeto Pérolas Negras, que foi expandido durante seu mestrado, para uma região periférica do bairro de Ondina na cidade de Salvador-BA, e hoje se tornou uma Escola social na cidade de Viçosa.

aprendizagem, que leva em consideração as identidades negras e suas questões.

Segundo Ana Cláudia Pacheco e Joana Maria L. Núñez (2019), esta perspectiva da afetividade não tem a ver com o campo afetivo-sexual²⁰, mas com “nexos-sociais e códigos-culturais”, entendidos pelas ciências sociais, a partir do século XX. Por conta do racismo epistêmico que relegou a afetividade “por muito tempo nos discursos científicos sobre a experiência dos povos racializados” os corpos da população negra foram hipersexualizados. Para as autoras, essa mudança de pensamento sobre o campo dos sentimentos e afetividades, abre a possibilidade de compreender de forma mais ampla, as experiências das mulheres negras, situadas em diversos contextos sociais, através da epistemologia negra feminista, que entende a afetividade enquanto uma das questões centrais no campo dos estudos interseccionais (NÚÑEZ; PACHECO, 2019, p. 2643).

Nesta trajetória educacional, focada na afetividade de crianças e jovens negras(os), Raíssa conheceu as bonecas Abayomis, em 2014, em uma oficina ofertada no projeto das Pérolas Negras na cidade de Salvador-Ba. O foco da oficina era que as educadoras do projeto, aprendessem a fazer as bonecas para ensinar as crianças que frequentavam o Pérolas Negras.

A educadora conta que a principal narrativa que sabe sobre as bonecas Abayomis está relacionada às mulheres escravizadas nos navios tumbeiros. Destaca que asicineiras usam como metodologia (além de ensinar a confeccionar manualmente a boneca) o ensino da história do continente africano, através do compartilhamento de conhecimentos sobre os reinos e civilizações anteriores ao processo de escravização dos seus povos.

Ela não ministra oficinas apenas para crianças, mas também para mulheres, homens, famílias e adolescentes, o público que ela atende é variado, por isso a sua metodologia para a confecção também varia, de acordo com as pessoas, com a faixa etária, o local e os objetivos envolvidos. Conta que geralmente para conduzir as oficinas é preciso:

[...] trabalhar a afetividade a criatividade, coordenação motora a ancestralidade, histórias orais, quando são com mulheres mais velhas, trabalhar a questão da afetividade também, a maternidade, memória afetiva, então depende muito do público, quando são com pais a importância do cuidar, meninos e pais homens,[...] do zelar, da paternidade, então depende muito do público, [...] eu desenvolvo essas atividades para trabalhar diversos sentimentos, sentimento de pertencimento, de ludicidade, criatividade, memória afetiva, vai muito da atividade que eu tenho que desenvolver.²¹

²⁰ A esse respeito ver a tese de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008), a autora analisa a solidão e as trajetórias sociais e afetivas de mulheres negras ativistas e não ativistas, na cidade de Salvador-Ba.

²¹ QUADRA, Raíssa Rosa. **Entrevista I**. [maio de 2019]. Entrevistadora: Caroline Lima dos Santos. Salvador, 2019. 6 arquivos.mp3.

Para trabalhar nesta perspectiva, que relaciona atividade manual, formação identitária e uma conexão afetiva com os participantes, inicia a oficina com o que ela chama de “perguntas geradoras”²² metodologia inspirada em Paulo Freire. Neste momento da oficina realizada com crianças, são feitas contações de histórias, trabalhando a ludicidade e criatividade. Ela toma como exemplo, o trabalho realizado com crianças surdas. A metodologia foi toda voltada para os sentidos (cheiro, tato, olfato). Ela colocou nas bonecas cheiros diferentes para que estas crianças pudessem sentir as Abayomis e se relacionar com elas, cada uma a partir das sensações provocadas na dinâmica.

Basicamente sobre a didática para a confecção das Abayomis, Raíssa acredita que não existe, em suas palavras, uma receita de bolo para ministrar as oficinas, ao mesmo tempo se contradiz porque enfatiza que deve existir uma lógica para envolver os participantes. Logo, alguma didática. A educadora narrou uma metodologia para as oficinas.

No início da oficina é preciso ter uma “quebra de gelo”²³ entre os participantes, compartilhando em roda quem são, de onde vêm, etc; outro passo importante é a contação de história; em sequência a confecção da boneca; por último a finalização. Uma das experiências que ela realizou foi um ensaio fotográfico com as bonecas confeccionadas.

Além de Paulo Freire, Raíssa se orienta teoricamente a partir da perspectiva de Bell Hooks²⁴, a autora considera que a supremacia branca e a experiência da escravidão, são marcas profundas que perpassam a vida de mulheres e homens negros (HOOKS, Bell. 2010). Assim, mesmo vivendo em um contexto de pós-abolição estas marcas se manifestam na forma como relacionam-se consigo mesmos e com os outros, herança dolorosa que ultrapassa o tempo, sendo necessário superá-la coletivamente.

o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. [...]. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de

²² *Idem.*

²³ *idem*

²⁴ É curioso Raíssa citar Paulo Freire e Bell Hooks como referenciais para a relação ensino e aprendizagem, pois no Livro Ensinando a transgredir, a educação como prática da Liberdade (2013), no quarto capítulo Bell Hooks ressignificou teórica e metodologicamente sua relação com o ensino, a partir das teorias de libertação de Paulo Freire. Educadora, feminista e intelectual negra, é uma importante referência para os movimentos de mulheres negras contemporâneos, sendo usada como aporte teórico e metodológico.

amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor (HOOKS, Bell. 2010).²⁵

Através da narrativa das mulheres escravizadas que acalentam seus filhos, pessoas negras acessam o que Raíssa denominou de “janelas traumáticas”²⁶, entendidas como as heranças históricas da experiência da escravização. Nas oficinas, essas janelas precisam ser ressignificadas. A contadora dessa história estimula que os participantes ressignifiquem esses lugares sociais quais os povos negros foram colocados. Ou seja, nas palavras de Raíssa, através desse saber é possível acessar um estado de cura, tanto para quem oferece, quanto para quem participa das oficinas de confecção de bonecas Abayomi. Esse sentimento está relacionado aos aspectos civilizatórios africanos, reinventados no Brasil no século XX, fundamentados em um “projeto ético-político afro-brasileiro” atravessado pelo Atlântico Negro (OLIVEIRA, 2006, p. 85-86 *apud* CARDOSO, 2012, p. 227).

4 BRINCAR E RECRIAR IMAGINÁRIOS

Nas pesquisas sobre bonecas negras produzidas na cidade de Salvador-BA, conheci o trabalho de Geórgia Santos Nunes²⁷, em sua entrevista contou que no ano de 2016, começou aprofundar-se nas questões étnico-raciais, depois da criação do Ateliê Amora, empresa social que administra. Neste processo de estudos participou de uma oficina de confecção de Abayomis. Pesquisando cada vez mais na internet, buscou aprender e desenvolveu sua própria técnica com tutoriais no YouTube. Nessas pesquisas, teve contato com a narrativa popularizada de surgimento da boneca. A depoente, entretanto, acrescentou um dado diferente sobre a relação das Abayomis com os retalhos das roupas das mulheres escravizadas.

²⁵ *idem*

²⁶ QUADRA, Raíssa Rosa. **Entrevista I**. [maio de 2019]. Entrevistadora: Caroline Lima dos Santos. Salvador, 2019. 6 arquivos .mp3

²⁷ Tem 30 anos e é natural da cidade de Tucano, interior da Bahia, residindo atualmente em Salvador-BA. É graduada em Desenho Industrial pela UNEB e especializada em Design Estratégico. Atualmente é mestranda em Estudos Étnicos e Africanos no POS-AFRO (UFBA), trabalha como designer e empresária no Ateliê Amora, especializado em brinquedos afirmativos. A empresa existe desde 2016, na cidade de Salvador-Bahia, realiza o projeto “Eu brinco, eu existo!”, que já está em sua 4ª edição, disponível em <http://www.amorabonecas.com.br/amora-ct-1b0fb5>

[...]eu acabei descobrindo em uma pesquisa, na verdade através da oralidade mesmo, me contaram que é através dessas bonecas que as mães podiam reencontrar as crianças que eram separadas por conta que eram os mesmos tecidos, era o tecido que elas reconheciam [...] e acredito que pode ser verdade, até no livro da Ana Maria Gonçalves, um defeito de cor, ela não fala diretamente disso, mais ela traz algumas questões que podem nos levar até isso né, que estas crianças eram separadas e depois por conta de objetos em comum conseguiam se encontrar.²⁸

Contudo, investigações históricas consideram que no desembarque e pela forma de distribuição da mão de obra no contexto escravista, as mulheres africanas, minoria no tráfico para as Américas (TELLES, 2018) eram separadas de seus filhos, das suas famílias e de seus pares. O que não as impediam de desenvolver estratégias e redes sociabilidade para tentar reencontrá-los, como o caso de três escravizadas, que no século XVIII e XIX, tentaram por meio de cartas e procura nos anúncios de vendas, fazer este reencontro (SHUMAHHER; BRASIL, 2007). Considerando esses dados podemos dizer que a narrativa contada por Geórgia, configura-se como “elaboração de uma representação”, a respeito da construção de uma “narrativa histórica” (GONÇALVES, 2010, p.12).

Aliando ao trabalho já realizado pelo ateliê da Amora, Geórgia afirma que a sua escolha pela replicação das oficinas de confecções de Abayomis tem como objetivo, desejo e desafio, o fortalecimento da construção identitária de crianças negras, tanto nos espaços formais, quanto nos espaços informais de educação. Esse último, o principal público atendido por Geórgia. A educadora compartilha que atende mais as crianças e suas mães. E que vão para as oficinas mais meninas e mulheres, pois os meninos e os homens, não procuram ou demonstram interesse em participar. Consequência da sociedade machista em que nós todos estamos inseridos. O fato é que as mulheres negras em sua grande maioria assumem a “chefia do grupo doméstico”, trabalhando dentro e fora de casa e cuidando das crianças (NÚÑES; PACHECO, 2019, p. 2642).

Sobre as influências teóricas no trabalho com as Abayomis, Geórgia disse que não tinha referenciais teóricos e atribui isso a falta de informações sobre as bonecas Abayomis. Assim, com o tempo e mais experiência ministrando as oficinas, sentiu a necessidade de aperfeiçoar as contações de histórias, alinhando-as com as temáticas africana e afro-brasileira. Ou seja, as questões de identidade ficaram mais explícitas. Assim, em 2018, ela começou a fazer a contação de história com o livro *As mulheres Abayomis* de autoria de Adilson Passos (2018). Ela conta que escolheu este livro, pois o texto de Adilson se baseia no mito de origem

²⁸ NUNES, Geórgia Santos. **Entrevista I**. [junho de 2019]. Entrevistadora: Caroline Lima dos Santos. Salvador, 2019. 4 arquivos.mp3

das Abayomis. Por trazer o nome como referência, funciona para introduzir a origem e o significado da palavra Abayomi.

A história narrada pelo autor remonta um cenário anterior ao processo de escravização e colonização do continente africano. Existia um povo chamado Abayomi que era conhecido por produzir bonecas com pedaços de panos. A comunidade vivia feliz, porém a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, era algo que incomodava principalmente as mulheres, que tinham que exercer atividades domésticas, enquanto os homens tomavam as decisões e podiam caçar e guerrear com os povos inimigos. Certo dia em uma emboscada os homens foram pegos desprevenidos e as mulheres estavam prontas para guerra, derrotando os invasores de suas terras. Desde este dia, os homens baixaram a guarda e as mulheres passaram a exercer as mesmas tarefas que eles, pois mostraram que eram capazes de além de cuidar das crianças e da comunidade também, pescar, lutar, caçar e guerrear se assim quisessem. Comemorando a nova forma de organização e harmonia do povo Abayomi, os homens fizeram bonecas como um presente para todas as crianças.

Um aspecto destacado por Geórgia nesta história, é que o autor trabalha as questões das diferenças e desigualdade gênero, ou seja, possibilita mais uma abordagem, além da identidade étnico-racial. Segundo Sueli Carneiro (2017) é possível, falar sobre os marcadores sociais que envolvem as mulheres negras, bem como, da masculinidade negra, pois ambos estão atravessados pelo processo escravocrata e pelo racismo.

No primeiro capítulo “Mulher, raça e classe”, Angela Davis (2016), argumenta sobre o legado da escravatura, na concepção (senso comum) da noção de ser mulher. Para ela os historiadores, não contaram corretamente as experiências das famílias negras e das mulheres negras ao longo do processo escravocrata:

Não apenas pela acuidade histórica que esse estudo deve ser conduzido, mas pelas lições históricas dessa era escravagista e que poderá acender a corrente da batalha das mulheres negras e todas as mulheres pela emancipação [...]. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras [...]. As mulheres eram olhadas não menos que os homens, eram vistas como unidades rentáveis de trabalho, elas não tinham distinção de gênero na medida das preocupações dos donos de escravos [...]. Tendo em conta que no século XIX a ideologia de feminilidade enfatizava os papéis de mães cuidadoras, companheiras dóceis e donas de casas para os seus maridos, as mulheres negras eram praticamente uma anomalia (DAVIS, 2013, p.10)

Em uma entrevista recente ao Cultne Doc²⁹, Lena Martins, argumenta que para além destas questões raciais, de gênero e os impactos que a boneca causa na construção identitária das pessoas, o trabalho artesanal que envolve a Abayomi, proporciona diversas sensações e contribuem tanto para a circulação artística da matriz africana presente na ancestralidade de afro-brasileiros (consciente e inconscientemente), tanto como fonte de renda para mulheres artesãs³⁰. Em sua narrativa sobre o processo de criação da Abayomi o “artesiano”³¹ e as sensações que ele provoca coletivamente, são o ponto principal em sua confecção.

A esse respeito Geórgia comenta que:

[...] as crianças aprendem a fazer a boneca e elas querem levar para poder ensinar pra alguém, pro irmão que ficou em casa, pro amiguinho, pra amiguinha, é muito bacana e elas gostam de ver o boneco que elas próprias produziram, a primeira boneca feita pelas mãos delas [...]. As crianças adoram, ficam super envolvidas com a oficina, não somente as crianças mais as mães também, as mulheres né quando botam a mão na massa ali, alguns homens participam mais são bem poucos. Todo mundo curte, eu acho bem bacana porque daquele fazer manual que muito a gente desaprendeu, a gente está tão acostumado a comprar tudo pronto, que quando a gente para, para ter um tempinho para fazer e cortar, fazer as coisas com mão é bem bacana resgatar isso [...]³²

De forma lúdica, são ensinados a compreender o conceito de ancestralidade³³ enquanto algo formativo de suas identidades, constituídas social e culturalmente.

²⁹ MARTINS, Lena. Entrevista. Cultne Acervo. 18 de abr. de 2018. Entrevista concedida ao programa CultneTV.

³⁰ Através de um levantamento nas redes sociais, foram encontradas mulheres negras artesãs, que trabalham atualmente com as bonecas Abayomis em diversos Estados do Brasil, inclusive em outros países, pautando suas vendas em eventos de temáticas africanas e diaspóricas, como também fazendo vendas on-line. No Estado da Bahia (além das duas entrevistadas) Rainha Ashanti (@odunabayomi), em Itacaré. Em São Paulo, o Ateliê Omi (@atelier_omi); Maria José Dantas Dias (@bonecas_abayomi); Caroline Falero (@abayomifalero) e Luci Makena (@lucimakena). Vane (@vaneabayomi), da Colômbia. Andréia Ferreira (@roxafior_abayomi_griot) e Sil Craveiro (@abayomifriends) no Rio de Janeiro. Gláucia Lima (@bonecas.abayomi) na Paraíba. Cris Mendes (@bonecasabayomi) em Pernambuco e Marcela Alexandra (@dandarinha.abayomi) em Minas Gerais.

³¹ “Artesiano” é um termo que Sonia Maria da Silva, usa em sua dissertação para descrever o fazer artesanal das bonecas Abayomis, aliados aos sentidos e significados atrelados às práticas de confecção desta boneca.

³² NUNES, Geórgia Santos. **Entrevista I**. [junho de 2019]. Entrevistadora: Caroline Lima dos Santos. Salvador, 2019. 4 arquivos.mp3.

³³ Eduardo Oliveira explica que a ancestralidade é um conceito analítico que se configurada no “principal elemento da cosmovisão africana no Brasil”, não se trata da relação consanguínea entre os africanos e os afro-brasileiros, se trata da composição de signos e representações das matrizes africanas assentadas no Brasil. Segundo o mesmo o princípio da ancestralidade é o fundamento que organiza o candomblé, e a partir do século XX através da “construção histórico-cultural do negro no Brasil”, torna-se um projeto político de inclusão social (OLIVEIRA, 2009, p.3)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisando sobre a história das bonecas Abayomis, a maioria das informações encontradas comunica o mito de origem em torno das mulheres africanas que vieram por meio do tráfico escravo para as Américas. Como se abordou nesse texto, a massificação desta narrativa mitificada apagou o processo de surgimento e de formação da cooperativa que deu origem à boneca negra de pano e das primeiras metodologias de trabalho com mesmas, próprio do período político-social do final dos anos 1980 e protagonizado pelos movimentos de mulheres negras do período, ao qual Lena Martins, a criadora da boneca e as outras mulheres da Cooperativa Abayomi, primeiras desenvolvedoras da metodologia, eram atuantes.

Apesar disso, tanto o contexto de criação, quanto os mitos que envolvem o surgimento da boneca, contestam imaginários de estigmatização e estereotipia negativa sobre mulheres negras, uma vez que possibilitou nesses trinta anos de criação a vocalização de identidades positivas. Portanto,

Neste sentido, é possível dizer que as bonecas Abayomi integram o conjunto de símbolos que marcam a memória dos movimentos negros, marcadamente de mulheres negras, no Rio de Janeiro. A organização Artesãs Livres Associadas (Coop. Abayomi), desde o início de suas atividades, passou a ser reconhecida como espaço de referência para artesãos da cidade e de outros lugares. Embora não exista mais como instituição, os trabalhos realizados por suas integrantes, repercutem ainda hoje. As Abayomi são conhecidas no âmbito nacional e internacional, e são imediatamente identificadas como importante expressão material do corpus da cultura afro-brasileira [...]. O processo de transmissão do saber-fazer os diferentes modelos da boneca vem cumprindo há três décadas um papel social fundamental, no que concerne o fortalecimento da identidade e da luta das mulheres negras (GOMES, et al., 2017, p. 262).

Ao desenvolverem a boneca Abayomi e suas técnicas de confecção, Lena Martins e as mulheres de Cooperativa Abayomi, criavam a partir de suas vivências e experiências, figuras marcadas pela cultura popular negra, “brincavam de Olorum”, criando também representações dos Orixás, influenciadas pelo Candomblé (religião de matriz africana), e mulheres permeadas por esse local social, de protagonismo e representação (SILVA, 2009, p.6).

Em suas entrevistas, ambas as depoentes, não citaram como influências formativas os movimentos de mulheres negras ou a história da Cooperativa Abayomi do Rio de Janeiro. Porém suas narrativas são influenciadas pelas reformulações do pensamento social brasileiro, protagonizado por intelectuais e ativistas negras que se esforçam por construir parâmetros

epistemológicos decoloniais, sobre processos históricos ocorridos no Brasil com a colonização e escravização dos povos africanos e seus descendentes.

Por fim, destaco que este foi um estudo precursor, tendo em vista que inexistem pesquisas que relacionaram a história das bonecas Abayomis com o contexto sócio-político que possibilitou a produção de narrativas de mulheres negras nesses últimos trinta anos. Pontuo, também, que existem aspectos não explorados mais profundamente neste texto, que podem servir como pesquisas futuras, a exemplo a projeção e possibilidade de ascensão econômica de mulheres através do empreendedorismo que o fazer artesanal das Abayomis proporciona, bem como, uma análise das representações que circulam nos ambientes de elaboração das bonecas com os signos e significados de religiões de matriz africanas do Brasil e do Caribe, ao qual a boneca também nos remete.

REFERÊNCIAS

AMORA, BRINQUEDOS ALTERNATIVOS. Salvador: 2018. Disponível em: <http://www.amorabonecas.com.br/eu-brinco-eu-existo-pg-64292>. Acessado em 30/ jun./ 2019.

ARIZA, Marília B. A. Crianças/Ventre livre. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz; GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. 50 textos críticos. Companhia das Letras, 2018. Versão on line. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386425303/Dicionario-Da-Escravidao-e-Liberdade-50-Textos-Criticos-2018-Companhia-Das-Letras-1>. Acessado em: 01/ ago./2019.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.

BOAHEN, Albert Adu. África, diante do desafio colonial. In: BOAHEN. Albert Adu. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO. 2º ed., 2010, p.1-20.

CARDOSO. Cláudia Pons. **Outras falas: feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese (Mestrado em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo) - PPGNEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista de Estudos Feministas**. ano 3, n. 2, 2º SEMESTRE, p. 544-552, 1995.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. In: Do epistemicídio. CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese (Doutorado em Educação) - Feusp. Universidade de São Paulo. 2005. p. 96-124.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Mulheres em Movimento. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de Uma vida**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. p. 195-217.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n.1 jan./abr, p.17-24, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativas ao gênero. **Estudos Feministas**. v.1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Tradução, Heci Regina Candiani. 1º ed. São Paulo: Boitempo. 2016.

ELTIS, David. Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos. 2007. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/voyage/essays>. Acessado em 10/08/2018.

ESCOBAR, Giane Vargas; GOTTERT, Marjorie Ediznez dos Santos. A essência revolucionária em Abayomi: uma boneca negra de pano em movimento. In: SOARES, A. L. R. (org). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010.

FERREIRA, Roquinaldo. África, durante o comércio negreiro. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz; GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. 50 textos críticos. Companhia das Letras, 2018. Versão on line. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386425303/Dicionario-Da-Escravidao-e-Liberdade-50-Textos-Criticos-2018-Companhia-Das-Letras-1>. Acessado em: 01/ ago./2019.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. 34º ed. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.

GONÇALVES, Aline Najara da Silva. Luiza Mahin entre ficção e história. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagem). Programa de Pós Graduação em Estudo de Linguagens - Universidade Estadual da Bahia. Salvador, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, p. 223-244, 1984.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**, a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**. ano 3, nº 2, 1995, p. 464-478.

HOOKS, Bell. Vivendo de Amor. Tradução, Maísa Mendonça. 9/ mar./ 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acessado em: 27/ set./ de 2018.

KILOMBA, Grada. Descolonizado o eu. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação, episódios de racismo cotidiano**. Tradução, Jess Oliveira. Cobogó, 1º ed. 2009, p. 213-238

LENA MARTINS E A BONECA ABAYOMI: um testemunho na arte em feminino. Direção e Realização: Aída Domínguez. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Escuela Neijing, 2012. Disponível em: <https://vimeo.com/208194054>. Acessado em 20/ Set./ 2018.

MACHADO, Vanda. Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais. **SECULT. Lei 10.639/03: caderno de textos do professor**. Salvador: Semec, 2005, p.2-12.

MARTINS, Lena. Programa Lena Martins. [Entrevista concedida a] Cultne na Tv. TV Alerj. 18/ abril/ 2018.

MARTORY, J. Lorand. Yorubá: as rotas e as raízes da nação Transatlântica, 1830-1950. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n. 9, 1998, p. 263-292.

MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. Mito, Mitologia e Filosofia Africana. Tradução, Kathya Barbosa Fernandes e Aurélio Oliveira Marques,. v. 4, outubro, p. 17-24, 2007.

NILZA, Iraci; WERNECK, Jurema (org.). A situação dos direitos humanos das mulheres negras no Brasil: violências e violações. Por, Geledés, Instituto da Mulher Negra e Criola. 2017.

NOGUERA, Renato. A questão do autoconhecimento na filosofia Orunmilá. **Odeere: Revista do programa de pós-graduação em relações étnicas e contemporaneidade**. UESB, vol. 3, num. 6, 2018.

NÚÑEZ, Joana Maria Leoncio; PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Gênero, “raça” e trajetórias afetivo-sexuais entre mulheres negras, lideranças de classes populares, em Salvador, Bahia. In: **XIX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**. jul./ 2019, São Cristóvão, SE. Anais (online). Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/ebook_redor/trabalhos/gt09.pdf. Acessado em: 02/ ago./2019.

OLIVEIRA, Eduardo. Epistemologia da Ancestralidade. **Entrelugares: revista de sociopoética e abordagens afins**, v.1, 2009, p. 1-10.

PACHECO. Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2008.

PASSOS, Adilson. **As mulheres Abayomis**. Ilustrado por: Adilson Passos. Lauro de Freitas: Solisluna, 2018.

SANTOS, Fabiana Gonçalves. Manifestos de Coletivos de Mulheres Negras Brasileiras: uma discussão sobre etnicidade e gênero. 2017. SESC. Palco Giratório. Histórico: Grupos e espetáculos que circularam pelo Palco Giratório. 2019, Disponível em <http://www.sesc.com.br/portal/site/PalcoGiratorio/2018/opalcogiratorio/Historico/>. Acessado em 05/ jul./ 2019.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Irmãos do Atlântico**, Escravidão e Espaços Urbanos no Rio de Janeiro e Havana. (1763-1844). Tese (Doutoramento em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi**: Cotidianos, coletivos, ancestrais, femininos artesanando empoderamentos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

SILVA, Sonia Maria da. Experiência Abayomi: Cotidianos coletivos, ancestrais, femininos artesanando empoderamentos. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 9/ mai. Faculdade de Comunicação/UFBa: Salvador-Bahia. 2009.

SCHUMAHER, Schuman; VITAL BRAZIL, Érico. Escravizadas uma dívida histórica. In: SCHUMAHER, Schuman; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres negras no Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2017. p. 34-46.

TELLES, Lorena Féres da Silva. Amas de Leite. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz; GOMES, Flávio dos Santos. **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. 50 textos críticos. Companhia das Letras, 2018. Versão on line. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/386425303/Dicionario-Da-Escravidao-e-Liberdade-50-Textos-Criticos-2018-Companhia-Das-Letras-1>. Acessado em: 01/ ago./2019.

UZOIGWE, Godfrey N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO. 2º ed., 2010, p. 21-50.

XAVIER, Giovana. Entre personagens, tipologias e rótulos da diferença: a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no séc. XIX. In: FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio; XAVIER, Giovana (org.). **Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-emancipação**. Selo Negro Edições, 1ºed., 2012, p. 67-83.